

*Habemus papas duos!*

Sem contar os momentos dramáticos e mesmo críticos na história da Igreja, são raros os momentos em que os católicos podem dizer que estão vivendo em tempo de dois papas. E isto num clima de paz!

Certamente para alguns, a renúncia de Bento XVI foi surpreendente, talvez tanto quanto foi surpreendente – pelo menos para certos meios – escolha do argentino Cardeal Bergoglio para substituí-lo. Francisco assumiu e logo foi usando inúmeros sinais, até a partir do nome escolhido, com os quais pretende certamente indicar qual seja para ele a nova fisionomia da Igreja; e isto tanto para o seu mundo bem próximo como para o mundo mais distante.

Um *bispo para Roma* buscado no *fim do mundo* certamente encontrou situações dramáticas dentro e fora da Igreja que vão requerer dele paciência, sabedoria e ao mesmo tempo firmeza. Qual será o seu estilo, em parte não sabemos, mas em parte já temos claro pela escolha de uma *equipe internacional* para auxiliá-lo na compreensão dos problemas eclesiais atuais e a proposição de passos a serem dados para solucioná-los. Por outro lado, e dentro desta mesma perspectiva, vemos o quanto ele buscou – na visita do Rio de Janeiro, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude – estar próximo das pessoas, mesmo correndo riscos evidentes. Esta *coragem* e proximidade certamente parecem marcar o *seu jeito de ser Papa*: dar menos peso à pompa e mais valor à circunstância.

É, pois, neste clima que o leitor recebe mais um número de nossa revista Espaços. Os temas são variados e ricos de contribuição. Num primeiro momento temos a continuação da reflexão de Luiz Augusto de Mattos sobre o diálogo *moral e neurociência*. Neste momento da análise, Mattos busca aproximar um pouco mais a temática de suas dimensões mais práticas. A seguir, um grupo multidisciplinar coordenado por Antônio Bogaz, tece uma série de reflexões interessantes sobre a fenomenologia religiosa e os seus desafios tanto para os ramos do saber que buscam compreendê-la como para os que lidam diretamente com a religiosidade. Gustavo Ahuanari apresenta, num terceiro momento, um percurso bem interessante pela obra do apóstolo Paulo tendo como chave de leitura as modernas técnicas do marketing. Ainda que Paulo não tenha lançado mão apenas de técnicas de *persuasão* – ele andava pelas cidades e conhecia

pessoalmente as situações – a compreensão destes *instrumentos* pode ajudar a compreender com mais profundidade a reflexão e a própria vida do *apóstolo dos gentios* que transparecem em seus escritos.

Tendo presente o momento da *passagem* dos papas, duas professoras do Itesp apresentam suas reflexões sobre o evento. Maria Cecília Domezi a partir de uma obra de Bento XVI busca compreender os desafios das atividades metodológicas dos Módulos onde as diversas disciplinas dialogam entre si e trazem as suas contribuições em torno de um tema. Eliana Massih apresenta, através de um diálogo a surpresa e as expectativas ante a renúncia do papa e as esperanças que afloram num momento deste.

Nas notas bibliográficas temos dois temas bastante diversos, mas que abrem horizontes para os leitores: Enio José da Costa Brito apresenta a análise a tese Edson Barboza cujo tema é algo a um tempo bastante conhecido que são os fluxos migratórios, mas que sempre de novo uma abordagem mais fina revela dimensões insuspeitas; neste caso temos a presença dos negros ou mais especialmente, dos escravos, no último quartel do Século XIX. José Luiz Cazarotto apresenta uma obra intrigante sob os mais diversos aspectos. Ela busca responder uma questão de fundo: afinal, quando é mesmo que um ser humano está morto? Para isto, Van Lommel lança mãos dos inúmeros estudos e desafios das *experiências de morte iminente*. Por fim, Cláudio Santana Pimentel apresenta o livro *Os rosários dos angolas*. De Lucilene Reginaldo, que é esclarecedor tanto para compreender a relação da religiosidade portuguesa com os moradores dos diversos lugares da África e como estas experiências iluminam a compreensão de diversas dimensões da religiosidade brasileira.

Esperamos, portanto, que o leitor faça um bom proveito do que lhe é servido e que estes estudos e reflexões nos ajudem não só a compreender o nosso mundo, mas a estarmos mais próximos dele.

José Luiz Cazarotto